



## Gênero oral debate: das redes sociais para a sala de aula

Debate oral genre: from social media to the classroom

Género oral debate: de las redes sociales para la clase

**Leandra Ines Seganfredo Santos** - Universidade do Estado de Mato Grosso - Campus Universitário de Sinop | Sinop | MT | Brasil. E-mail: [leandraines@unemat.br](mailto:leandraines@unemat.br) | Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0388-0106>

**Adalucy Martins Pinto** - Universidade do Estado de Mato Grosso - Campus Universitário de Sinop | Sinop | MT | Brasil. E-mail: [adalucymartins@hotmail.com](mailto:adalucymartins@hotmail.com) | Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7233-673X>

**Resumo:** O objetivo deste artigo é analisar a contribuição de debates viabilizados nas redes sociais como objeto de ensino para produção oral e escrita na sala de aula, com destaque na importância do ensino do gênero debate como colaborador para a participação do aluno enquanto sujeito na sociedade. Trata-se de uma pesquisa-ação, de cunho interpretativista, desenvolvida com uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola estadual situada em Mato Grosso. A intervenção foi realizada a partir do procedimento sequência didática. Os resultados apontam que os alunos evoluíram no decorrer do processo, ao passo que, no debate final, a linguagem empregada pelos debatedores e pela plateia foi adequada para a situação. Os estudantes não fugiram da temática proposta, demonstrando compreensão e domínio do gênero trabalhado. Conclui-se que houve aprendizagem significativa do gênero debate.

**Palavras-chave:** ensino de língua portuguesa; gênero discursivo oral; debate.

**Abstract:** This article aims to analyze the contribution of debates made on social media as a teaching object for oral and written production in the classroom. The emphasis is on the importance of teaching debate genre as a collaborator for the student's participation as a subject in society. It is an action-research, with an interpretative nature, developed with a group of 9th grade of Elementary School of a state school located in Mato Grosso, Brazil. The intervention was performed based on didactic sequence procedure. Results indicate that students evolved during the process, whereas, in the final debate, the language used by the debaters and the audience was adequate for the situation. Students did not escape the proposed theme, demonstrating understanding and mastery of the genre studied. It is concluded that there was significant learning with debate genre.

**Keywords:** portuguese language teaching; oral discursive genre; debate.

**Resumen:** El objetivo de este artículo es analizar la contribución de debates viabilizados en las redes sociales como objeto de enseñanza para producción oral y escrita en clase, con destaque para la importancia en la enseñanza del género debate como colaborador para a participación del alumno como sujeto en la sociedad. Se trata de una pesquisa-acción, de base interpretativista, desarrollada con una turma de 9º grado de la Enseñanza Fundamental de una escuela estadual ubicada en Mato Grosso. La intervención fue realizada a partir del procedimiento secuencia didáctica. Los resultados apuntan que los estudiantes evolucionaron en el transcurrir del proceso, al paso que, en el debate final, el lenguaje utilizado por los debatientes y por la platea fue adecuado para la situación. Los estudiantes no huyeron de la temática propuesta, demostrando comprensión y dominio del género trabajado. Se concluye que hubo aprendizaje significativo del género debate.

**Palabras clave:** enseñanza de lengua portuguesa; género discursivo oral; debate.

## 1 Introdução

A internet e as redes sociais estão presentes em nossas vidas e ocupam um expressivo tempo das nossas práticas cotidianas. As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) tornaram-se muito mais que ambiente de entretenimento e navegação, são canais de comunicação, de mídia, de encontros, de bate papos, de propagandas, comércio, entre outros. As redes sociais se tornaram um espaço propício, não somente para socialização e distração, mas também de acesso à informação e manifestação social e individual. Sendo assim, a liberdade de expressão e o exercício dos direitos individuais tornaram a *web* uma arena de vários embates de opiniões, uma vez que fazer parte de um espaço em que, ao mesmo tempo em que possibilita novas informações, permite a livre expressão e cria-se, naturalmente, um grande espaço de debates. O professor pode ver as TIC como ferramentas eficazes para uso em suas aulas. Nessa concepção, esse facilitador pode integrar sua prática de ensino-aprendizagem ao uso de tecnologias e saber-fazer aulas atrativas e bem-sucedidas.

Neste texto<sup>1</sup>, o objetivo é analisar a contribuição dos debates viabilizados nas redes sociais como objeto de ensino para produção oral e escrita na sala de aula, com destaque na importância do ensino do gênero debate como colaborador para a participação do aluno-sujeito na sociedade.

Com o intuito de promover práticas democráticas e participativas em sala de aula que propiciem melhor desempenho dos alunos, bem como desenvolver um trabalho pautado na reflexão e clareza das ações educativas, foram pensados nos seguintes procedimentos: a pesquisa qualitativo-interpretativista, com enfoque nos princípios da pesquisa-ação, por seu viés interventivo (Thiollent, 2011; Bortoni-Ricardo, 2008), e a sequência didática (SD).

O procedimento metodológico a partir da SD, de acordo com Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97), "é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito". O objetivo de uma sequência didática é ajudar os alunos a melhor se apropriarem de um gênero. Nesse sentido, faz-se necessária a escolha de gêneros que eles não dominem totalmente, pois as sequências didáticas servem para dar acesso aos alunos a práticas de linguagem novas ou dificilmente domináveis. A estrutura de base de uma SD é constituída pelos seguintes passos: apresentação da situação, produção inicial, módulo 1, módulo 2, módulo 3 e produção final (Dolz; Noverraz; Schneuwly, 2004).

---

<sup>1</sup> Este artigo é um recorte de pesquisa realizada no âmbito do Programa de Pós-graduação em Letras, Curso de Mestrado Profissional Profeletras, em Rede Nacional, na Unidade da Universidade do Estado de Mato Grosso, Câmpus Sinop. Foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição sob o parecer substanciado nº 3.264.439.

A pesquisa-ação ocorreu em uma turma do 9º ano, com 32 alunos matriculados, na faixa etária de 12 a 14 anos, provenientes de uma escola estadual situada em Mato Grosso, em sua maioria, oriundos de bairros periféricos da cidade e alguns da zona rural que dependem do transporte escolar público para se deslocarem até a unidade.

Além desta introdução, este artigo apresenta o aporte teórico que embasa as análises, composto por breves pressupostos acerca dos gêneros discursivos orais como instrumentos de aprendizagem, em especial, o gênero debate e sua apropriação do digital para a sala de aula. Na sequência, socializamos a proposta de SD desenvolvida com a turma e apresentamos análise dos resultados obtidos. Por fim, tecemos considerações finais.

## 2 Gêneros discursivos orais como instrumentos de aprendizagem

Atualmente, discute-se muito sobre os gêneros discursivos a partir da perspectiva teórica bakhtiniana, sendo reconhecida a interação social como lócus da comunicação, que se realiza por meio do discurso, ou seja, no dialogismo. De acordo com Bakhtin (2011), as relações entre linguagem e sociedade são indissociáveis. Para o autor, as diferentes esferas da atividade humana, entendidas como domínios ideológicos, dialogam entre si e produzem, em cada esfera, formas relativamente estáveis de enunciados, denominados gêneros discursivos.

A variedade de gêneros discursivos é vultosa, abrangendo tanto situações de comunicação oral como de escrita. Sendo assim, estas duas ocorrências comunicativas serão percorridas a seguir, no entanto, o foco desse trabalho será a oralidade. Ademais, é fundamental perceber que a produção de um gênero oral não se limita à utilização da palavra (língua/discurso), mas envolve uma série de elementos não verbais. Dessa forma Dolz, Schneuwly e Haller (2004) destacam que:

A comunicação oral não se esgota somente na utilização de meios linguísticos ou prosódicos; vai utilizar também signos de sistemas semióticos não linguísticos, desde que codificados, isto é, convencionalmente reconhecidos como significantes ou sinais de uma atitude. É assim que mímicas faciais, posturas, olhares, a gestualidade do corpo ao longo da interação comunicativa vem confirmar ou invalidar a codificação linguística e/ou prosódica e mesmo, às vezes, substituí-la (p. 160).

Sabe-se que, tanto a fala quanto a escrita, são práticas discursivas intimamente ligadas a diferentes contextos sociocomunicativos. É por meio do convívio familiar que a criança tem seu primeiro contato com a oralidade, compartilhada através das relações sociodiscursivas que se dão naturalmente em seu cotidiano. Para tanto, é imprescindível reconhecer que a fala é primordial e importante instrumento comunicativo e social na vida de qualquer pessoa.

Cabe ressaltar que, no tocante às relações entre a oralidade e a escrita, Marcuschi (2010, p. 17) pondera que, “a oralidade não é superior à escrita, mas as duas são inter-relacionadas entre si”, isto é, as duas modalidades da língua possuem especificidades próprias de cada prática – oral e escrita – e são importantes para a construção de textos coesos e coerentes. O mesmo autor ainda afirma que as práticas discursivas – oralidade e escrita – “não são dicotômicas”, que uma não é o oposto da outra, mas um *continuum*.

Nesse sentido, devemos nos atentar, enquanto escola, de quão necessária se faz a compreensão do professor de Língua Portuguesa (doravante LP) em desenvolver atividades que contemplem a oralidade, não como forma de supremacia em relação à escrita, mas levar o aluno a perceber que, ambas, são práticas sociais que se inter cruzam e se complementam, embora cada uma apresente suas particularidades.

O ensino da LP em sala de aula, alicerçado na perspectiva bakhtiniana, demanda práticas pedagógicas baseadas no uso da linguagem em situações reais de comunicação, sendo os gêneros discursivos instrumentos sociais eficazes para essa relação. Nesse sentido, cabe à escola uma abordagem pedagógica a partir dos gêneros do discurso, levando o estudante a perceber que, no universo das linguagens, a produção de sentidos é apreendida por meio de um contexto social, determinada por situações específicas de comunicação e carregada de intencionalidades.

Segundo Bakhtin (2011, p. 284) “quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário)”. Ainda consoante o autor, a língua é um instrumento de interação social, sendo essa a base para a enunciação, e por conter diversas esferas de comunicação, é necessário que o sujeito falante disponha de diversas formas de linguagem. Reconhecendo a escola como lócus de aprendizagem e espaço de construção do conhecimento formal, requer de nós, enquanto instituição formativa e agência de letramento, desenvolver atividades que levem os alunos a perceber, por meio dos gêneros do discurso, a diversidade da linguagem e como utilizá-la de acordo com as diferentes práticas sociais.

Com o advento de novas tecnologias, novos gêneros surgiram, chamados gêneros emergentes que, segundo Marcuschi (2004), são: *e-mail*, *chat* aberto, *chat* reservado, *chat* agendado, *chat* privado, entrevista com convidado via *chat*, e-mail educacional, aula-*chat*, videoconferência, lista de discussão (*mailing list*), endereço eletrônico (de *e-mail* ou URL) e *weblog*. Nesse sentido, faz-se necessário a escola se reinventar diariamente e constantemente, para atender às expectativas de um alunado cada vez mais conectado, dinâmico, instável e evolutivo.

No final da década de 90, os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1998) tornaram os gêneros do discurso objetos de ensino e propiciaram, assim, um novo olhar nas relações entre oralidade e escrita a partir dos gêneros digitais, fazendo com

que a escola e professores ampliassem suas práticas pedagógicas, tornando o espaço escolar condizente com as novas tecnologias de informação e comunicação. Para tanto, é necessário qualificar professores e estudantes acerca da utilização de ferramentas midiáticas de forma que essas sirvam de instrumentos para leitura e escrita. Rojo, Barbosa e Collins (2006, p. 109-110), a respeito do letramento digital na formação continuada de professores, preconizam:

Quando mediados por computadores como ferramentas cognitivas, os processos de planejamento e desenvolvimento tradicionais são substituídos por processos de representação, criação e expressão que só as novas mídias propiciam. Em vez de usar as tecnologias para limitar e regular os processos de aprendizagem dos professores-alunos, por meio da utilização de estilos e dinâmicas pré-concebidas de interação, trata-se de oportunizar um processo de apropriação das mídias pelos participantes que dela passam a fazer uso para analisar o mundo, acessar informação, interpretar e organizar seu conhecimento pessoal e representar o que sabem para outros.

É de suma importância, portanto, que os sistemas educacionais, em todos os níveis, não só qualifiquem os docentes para uso e domínio das ferramentas desenvolvidas pelo ambiente virtual, bem como, seja oportunizado, de forma efetiva, um novo posicionamento acerca das formas de ensino/aprendizagem.

### **3 O gênero debate: explorando a oralidade – da conexão para a sala de aula**

Os gêneros discursivos são ferramentas importantes em nosso cotidiano, pois por meio deles nos comunicamos e interagimos uns com os outros em variadas situações enunciativas. Além do mais, somos sujeitos passíveis de intencionalidade e utilizamos os gêneros discursivos como suporte para alcançar nossos objetivos. Assim, não seria inédito afirmar que sentimos necessidade de expressar sentimentos, bem como expor posição crítica e opinião diante dos acontecimentos que nos instigam no dia a dia, na tentativa de mudar a realidade na qual estamos inseridos.

Nessa perspectiva, encontramos nas redes sociais o espaço ideal para expressar opiniões, críticas, apoio ou mesmo divergências, manifestando sempre de acordo com nossas ideologias religiosas, filosóficas, políticas e culturais. Logo, as redes sociais tornaram-se, inevitavelmente, uma grande arena de debates.

A liberdade de expressão tem sido posta em prática nas redes sociais todos os dias, gerando embates de opiniões e, nesse contexto, a argumentação tem sido a principal ferramenta utilizada pelo sujeito para defender suas ideias em diferentes contextos situacionais.

Diante de todas essas mudanças tecnológicas, a escola enquanto agência social responsável por promover múltiplos letramentos, tem que estar aberta para inserir as novas tecnologias de informação e comunicação em suas práticas pedagógicas.

Consoante essa perspectiva, surgiu o desejo de dar voz aos estudantes, valendo-se dos debates ocorridos nas redes sociais como suporte no processo de ensino-aprendizagem, ou seja, fazer uso dos mecanismos tecnológicos como ferramenta de transformação e interação sociocultural, mediante a união das tecnologias e debate em sala de aula.

Outrossim, o debate precisa ser trabalhado na escola como uma prática que possibilita aos alunos/sujeitos a construção interativa de opiniões, conhecimentos e (re)ações, uma vez que esse gênero oral, quando bem trabalhado, propicia aos alunos a oportunidade de defender suas opiniões em um ambiente estimulante e significativo com discussões direcionadas e orientadas pelo professor de forma atrativa, respeitosa e enriquecedora.

Nesse sentido, a Base Nacional Comum Curricular salienta que:

(EF89LP12) Planejar coletivamente a realização de um debate sobre tema previamente definido, de interesse coletivo, com regras acordadas e planejar, em grupo, participação em debate a partir do levantamento de informações e argumentos que possam sustentar o posicionamento a ser defendido (o que pode envolver entrevistas com especialistas, consultas a fontes diversas, o registro das informações e dados obtidos etc.), tendo em vista as condições de produção do debate – perfil dos ouvintes e demais participantes, objetivos do debate, motivações para sua realização, argumentos e estratégias de convencimento mais eficazes etc. e participar de debates regrados, na condição de membro de uma equipe de debatedor, apresentador/mediador, espectador (com ou sem direito a perguntas), e/ou de juiz/avaliador, como forma de compreender o funcionamento do debate, e poder participar de forma convincente, ética, respeitosa e crítica e desenvolver uma atitude de respeito e diálogo para com as ideias divergentes (Brasil, 2018, p. 179).

Nessa perspectiva, cabe ressaltar quão importante é a escolha do tema a ser debatido, levando em consideração que esse estabeleça relação com um conteúdo polêmico, dessa maneira o debate poderá suscitar uma discussão salutar e o interesse dos estudantes em participar do evento. Corroboram com essa afirmação Dolz, Schneuwly e Di Pietro, ao defenderem as dimensões que devem ser levadas em conta para escolha de um tema:

- Uma dimensão psicológica, que inclui as motivações, os afetos e os interesses dos alunos;
- Uma dimensão cognitiva, que diz respeito à complexidade do tema e ao repertório dos alunos;

- Uma dimensão social, que concerne à espessura social do tema, suas potencialidades polêmicas, seus contextos, sua presença real no interior ou no exterior da escola, e ao fato de que possa dar lugar a um projeto de classe que faça sentido aos alunos;
- Uma dimensão didática, que demanda que o tema não seja muito cotidiano e que comporte aprendizagens (Dolz, Schneuwly; Di Pietro, 2004, p. 225).

Para Capecchi e Carvalho (2000), é necessária a criação de espaços onde os alunos possam falar e, através da fala, tomar consciência de suas próprias ideias, além de aprenderem a se comunicar com base num novo gênero discursivo.

Cabe salientar que o gênero debate é considerado um forte aliado para o desenvolvimento da oralidade, uma vez que amplia o nível de conhecimento e de comunicação do aluno ao mesmo tempo que descortina seu potencial linguístico fazendo-o refutar, negociar tomadas de posição perante um determinado tema ou mesmo defender seu ponto vista.

O debate deve ser visto como um instrumento para se trabalhar as capacidades argumentativas dos alunos. Dolz e Schneuwly (2004, p. 166) explicam que esse gênero consiste em “uma discussão sobre uma questão controversa entre muitos participantes que exprimem suas opiniões ou atitudes, tentando modificar a dos outros ou ajustando as suas próprias em vista de construir uma resposta comum para a questão inicial”.

Já sabemos que o debate ocupa importante papel, tanto na vida escolar como em nossa sociedade, uma vez que, através dele, os alunos têm a oportunidade de desenvolver uma gama de capacidades privilegiadas, como adequação da linguagem frente aos participantes, a escuta do outro e a retomada do discurso. Porém, é de suma importância ressaltar que o debate disseminado em sala não pode se ater apenas aquele que copia o clássico modelo do debate televisivo, mesmo porque, as condições de produção, o local e o objetivo do gênero oral em sala de aula são diferentes das de um estúdio de TV.

Dada a importância de se trabalhar o gênero debate no âmbito escolar, Dolz, Schneuwly e Di Pietro afirmam que tal demanda surgiu a partir das seguintes motivações:

- O debate, que desempenha um papel importante em nossa sociedade, tende igualmente a tornar-se necessário na escola atual, na qual fazem parte dos objetivos prioritários as capacidades dos alunos para defender oralmente ou por escrito um ponto de vista, uma escolha ou um procedimento de descoberta;
- Esse gênero pertence claramente às formas orais da comunicação (o que não significa que a escrita esteja aí totalmente ausente) e inclui um conjunto de capacidades privilegiadas nesse modo de comunicação: gestão da palavra entre os participantes, escuta do outro, retomada de seu discurso em suas próprias intervenções etc.;

- O debate coloca assim em jogo capacidades fundamentais, tanto dos pontos de vista linguístico (técnicas de retomada do discurso do outro, marcas de refutação etc.), cognitivo (capacidade crítica) e social (escuta e respeito pelo outro), como do ponto de vista individual (capacidade de se situar, de tomar posição, construção de identidade);
- Além disso, trata-se de um gênero relativamente bem definido, do qual frequentemente os alunos têm certo conhecimento sobre o qual podem se apoiar (Dolz, Schneuwly; Di Pietro, 2004, p. 248-249).

Os autores explicam ainda que há pelo menos três tipos de debate, que, de acordo com os objetivos didáticos do professor, podem ser trabalhados em sala de aula:

- a) **O debate de opinião de fundo controverso**, que diz respeito à exposição de crenças e opiniões, com vistas a influenciar a posição do outro. Por meio dos confrontos das ideias, esse tipo de debate representa um poderoso meio de compreender um assunto controverso, pois nele o aluno descobre as mais variadas facetas sobre o tema debatido, podendo, inclusive, forjar uma nova ideia sobre o assunto, ou até transformar um argumento seu anterior.
- b) **O debate deliberativo**, no qual a argumentação tem por objetivo uma tomada de decisão, o que exercita a negociação entre as partes opostas, pois todos têm de pensar numa só solução para a questão central;
- c) **O debate para resolução de problemas**, que aumenta a capacidade dos alunos de buscar soluções para a questão proposta. Por exemplo: "Como funciona o grêmio de uma escola?" Os alunos, juntos, irão gerir a resposta para a pergunta, formulando suas opiniões e escutando as dos outros, a fim de tirar proveito do conjunto dos saberes distribuídos no grupo de debatedores (Dolz, Schneuwly; Di Pietro, 2004, p. 250, grifos dos autores).

O ensino deste gênero oral visa possibilitar, através da linguagem, a participação dos estudantes nas diversas práticas sociais, bem como amplificar as suas habilidades de ouvir, argumentar e expor opiniões. É notório que o gênero oral debate propicia as interações necessárias para a defesa de uma alegação. Outrossim, Dolz, Schneuwly e Di Pietro apontam outras capacidades requeridas do estudante para participar de um debate oral, entre elas a cognitiva, a linguística e a social; além da escuta, tomada e retomada do discurso e a gestão da palavra entre os debatedores: Logo, "o debate propriamente dito é constituído pelo conjunto das intervenções – cada uma delas fornece esclarecimento à questão controversa, como instrumento de reflexão que permite a cada debatedor (e a cada ouvinte) precisar e modificar sua posição inicial" (p. 72).

Com base nessas considerações elencadas e ressaltando as contribuições que o gênero oral debate propicia na formação do estudante resultou na escolha do mesmo para ser trabalhado em sala de aula, dada sua relação oralidade/letramento permitir uma construção interativa de opiniões, de conhecimentos, de ações e de si mesmo enquanto protagonista de seu próprio aprendizado.

## 4 Proposta de sequência didática

### Apresentação da situação: primeiros contatos

**Objetivo:** Sociabilizar e conhecer os estudantes, apresentar para a turma o projeto de intervenção e motivar os discentes a participarem com afinco das atividades propostas.

**Tempo de duração:** 2 h/a

Esse primeiro momento tem como finalidade apresentar o projeto à turma, expor o gênero a ser trabalhado, os objetivos propostos, a metodologia e as etapas a serem desenvolvidas, bem como motivar os alunos a participarem com entusiasmo e comprometimento das atividades durante todo o processo de intervenção.

### 1º Módulo – Noções do gênero Debate

**Objetivo:** Diagnosticar o conhecimento prévio dos estudantes e as dificuldades apresentadas acerca do gênero proposto.

Após apresentação do projeto, propor aos alunos uma “Roda de Conversa”, com vistas a identificar o conhecimento prévio da turma em relação ao gênero debate, verificar quem já participou ou assistiu a um debate e procurar entender de que maneira utilizam essa ferramenta nas redes sociais (*facebook, twitter, chat*, entre outros) de modo a levantar questionamentos e defender diferentes pontos de vista. Para esse momento, serão levantados alguns questionamentos em forma de enquete:

- a) O que vocês entendem por debate?
- b) Em que contexto o debate acontece?
- c) Em quais espaços os debates acontecem?
- d) Na sua opinião, para que serve um debate?
- e) Qual função a argumentação exerce em um debate?
- f) Que regras norteiam um debate?
- g) Quais características o gênero debate assume em ambientes digitais online?

### 2º Módulo – Familiarização com o gênero Debate

**Objetivo:** Verificar qual é procedimento didático que melhor favorecerá o processo de apropriação do gênero debate como prática multiletrada?

## **Tempo de duração:** 2 h/a

Através de apresentação em *slides* e material impresso, apresentar aos alunos os tipos de debates, suas características, organização, sistematização, linguagem adequada, a importância da oratória e argumentação e como se posicionar. Nesse momento, é válido ressaltar a importância das regras e quais orientações norteiam esse gênero:

- a) Dê a sua opinião, qualquer que seja, de forma respeitosa;
- b) Respeite a opinião alheia, qualquer que seja;
- c) Mantenha-se no tema;
- d) Mantenha-se no campo dos argumentos;
- e) Não ofenda os demais participantes;
- f) Não incite a violência, a intolerância ou o preconceito contra ninguém, sob nenhum pretexto.

Visita ao LIED (Laboratório de Informática Educacional) para uma pesquisa orientada sobre o gênero debate.

## **Produção inicial**

### **3º Módulo – Operadores argumentativos**

**Objetivo:** Conhecer diversas estratégias argumentativas e compreender diversas perspectivas e posicionamentos sobre um mesmo assunto.

#### **Tempo de duração:** 2 h/a

- a) Primeiro momento: Vídeos sobre argumentação;
- b) Segundo momento: Aula orientada no Laboratório de Informática Educacional (LIED) para que os alunos pesquisem quais operadores argumentativos estruturam nossa língua, como utilizá-los e qual sua importância dentro de uma discussão formal. Em seguida elaboração de frases com os principais operadores argumentativos. Ao final, socialização da pesquisa e das frases elaboradas.

### **4º Módulo – Assistir a um debate – a definir**

**Objetivo:** Compreender a defesa de um ponto de vista a partir de um vídeo que apresente um debate, perceber como ocorre a argumentação dentro de um gênero

oral e proporcionar ao discente a expressão de suas ideias e opiniões de modalidade oral.

**Tempo de duração:** 2 h/a

## 5º Módulo – Assistir ao filme “O Grande Desafio”

**Objetivo:** O objetivo desta prática foi promover a reflexão e a leitura crítica da mensagem de um filme, apontando as características expostas e envolvendo todos os eixos pertencentes ao tema abordado.

**Tempo de duração:** 3 h/a

O filme possui vários elementos que o tornam bastante rico para ser explorado em sala de aula. Por um lado, há aspectos estritamente relacionados à argumentação. Desde estratégias de argumentação ensinadas pelo professor, como se preparar para um debate até a postura adequada durante esse evento. Os personagens do filme, nesse sentido, podem ser vistos como referências. Considerando que os alunos talvez não estejam familiarizados com esse formato de discussão, que talvez associem o debate à discussão com vozes exaltadas, essa pode ser uma boa oportunidade de alterar a forma como veem o debate.

**Ficha técnica:** Por William Godoy

**Título original:** *The Great Debaters*; Título no Brasil: O Grande Desafio.

**Gênero:** Drama; Duração: 126 min.; Roteiro: Robert Eisele, baseado na história de Robert Eisele e Jeffrey Porro; Produção: Todd Black, Kate Forte, Joe Roth e Oprah Winfrey; Ano: 2007; Classificação: 14 anos.

Com roteiro de Robert Eisele, o filme foi baseado na história real de Melvin B. Tolson (Denzel Washington), professor de uma pequena universidade voltada para negros no Texas no ano de 1935. O personagem de Denzel Washington é um professor que vive no Texas na década de 1930 e monta um grupo de debate com seus alunos universitários. Tolson conseguiu formar um time de debate, e, com muito esforço e enfrentando o racismo, os alunos foram capazes de superar os garotos da renomada Harvard em uma competição nacional.

A trama traz a jornada do professor Melvin Tolson que, usa de métodos pouco convencionais, sua visão política e o poder das suas palavras para motivar um grupo de alunos do Wiley College, do Texas, a participar de um campeonato de debates na Universidade de Harvard.

## 6º Módulo – Rede social “Kialo”

**Objetivo:** Evidenciar na prática a negociação e a produção de sentidos nas práticas orais e escritas em ambiente convencional da sala de aula e no espaço digital online.

**Tempo de duração:** 2 h/a

Essa etapa tem como finalidade apresentar aos alunos a rede social *KIALO*, criada especialmente para promover o debate entre seus participantes. Segundo Luiza Bandeira, do *Jornal Nexo*, o *Kialo* se apresenta como uma plataforma de debate baseada na razão. O objetivo da rede, segundo seu *site*, é fazer as pessoas participarem de discussões profundas, entender pontos de vista distintos e ajudar a tomar decisões de forma colaborativa. Seu fundador, Errikos Pitsos, afirmou em palestra na universidade Harvard que a plataforma “basicamente elimina as emoções e eleva a razão, de uma forma estruturada”. A aula ocorrerá no Laboratório de Informática Educacional (LIED) para que os alunos conheçam a plataforma *Kialo* e de que forma participem da rede social.

## 7º Módulo – Debate na rede social *Kialo*

**Objetivo:** Propiciar a oportunidade de expressão e socialização através das tecnologias digitais.

**Tempo de duração:** 2 h/a

Após autorização prévia dos responsáveis, cada aluno poderá abrir uma conta na rede social *Kialo* e participar dos debates propostos na plataforma, possibilitando aos alunos expor suas opiniões e pontos de vista utilizando-se da argumentação. A *Kialo* possibilita, ainda, que seus participantes proponham novas discussões ou participem de discussões já postadas por outros usuários. Para cada tese postada, há um pequeno resumo de apresentação do debate. Em seguida, os participantes sugerem argumentos prós e contras. A aula ocorrerá no Laboratório de Informática Educacional (LIED).

## 8º Módulo – Debate na plataforma *Kialo*

**Objetivo:** Utilizar a plataforma online *Kialo* para promover discussões e permitir comparar diferentes pontos de vista dos alunos em sala de aula.

**Tempo de duração:** 2 h/a

## 9º Módulo – divisão dos grupos e escolha do tema

**Objetivo:** Construir o discurso argumentativo no gênero debate em interfaces digitais online.

**Tempo de duração:** 2 h/a

Após discutirmos e analisarmos os aspectos relacionados ao gênero supracitado, chega hora de propor o debate em sala de aula. Para isso, tanto o “tipo de debate” quanto o tema a ser debatido, serão escolhidos pelos alunos após uma enquete com a turma. Nesse momento, serão definidos também os grupos, data, tempo de duração e demais aspectos de organização de um debate.

## 10º Módulo – Estudo do tema e preparação para o debate

**Objetivo:** Construir o discurso argumentativo no gênero debate em interfaces digitais online.

**Tempo de duração:** 2 h/a

### Atividade de Produção Final

## 11º Módulo – Realização do debate

**Objetivo:** Permitir ao aluno colocar em prática as noções adquiridas ao longo das atividades e debater em grupo sobre um determinado assunto a fim de pôr em prática a argumentação oral

**Tempo de duração:** 2 h/a

O debate será filmado e socializado num momento posterior.

## 12º Módulo – Desenvolver material de circulação a ser definido.

**Objetivo:** Identificar como a construção do discurso argumentativo no gênero debate em interfaces digitais online interfere, diretamente, na prática em sala de aula.

**Tempo de duração:** 2 h/a

Posterior às atividades desenvolvidas no projeto, definir juntamente com a turma, um material para que haja circulação dos trabalhos desenvolvidos, serão apresentadas sugestões: documentários, canal no *YouTube*, *Blog*, *Facebook*, entre outras propostas no decorrer da aula.

## Circulação do conhecimento

Apresentação do produto final para toda a comunidade escolar em um evento cultural a ser definido juntamente com a escola com a finalidade de apresentar atividades desenvolvidas no projeto e mostrar para todos a importância do debate no cotidiano dos nossos alunos, bem como divulgar os conhecimentos construídos pelos estudantes no decorrer do projeto.

## 5 Análise dos resultados

Cada aluno, ao chegar na escola, traz consigo as vozes que o constitui, fato que o torna único, moldado à luz do seu contexto sócio histórico e cultural. Nesse sentido, compreendendo a escola como um local construtivo de saberes, julgamos necessário dar espaço à oralidade no ambiente escolar e contribuir, assim, com a formação integral dos estudantes.

Não obstante, a oralidade deve ser compreendida como um processo comunicativo complexo e educativo, outrossim, ao analisar um gênero oral, vários fatores precisam ser considerados. Segundo Dolz e Schneuwly (2004, p. 95), "a produção de um texto oral segue uma lógica totalmente diferente. A palavra pronunciada é dita uma vez por todas. O processo de produção e o produto constituem o todo".

Partindo da perspectiva de que a oralidade é uma prática social inerente do ser humano, analisá-la requer uma estratégia avaliativa cuidadosa. Nesse sentido, para arguição do gênero oral debate, levamos em conta o percurso desenvolvido pelos estudantes tendo como foco a construção coletiva.

Nesse contexto, Zabala (1998) e Gimeno-Sacristán (1998) se mostram favoráveis a uma avaliação integrada/integradora, formativa e holística/globalizadora "como um processo natural de informação sobre o que acontece, que utiliza múltiplos recursos, sem estabelecer necessariamente procedimentos formais de avaliar, ou seja, de conhecer o aluno/a" (Gimeno-Sacristán, 1998, p. 340). Assim, uma avaliação integrada acontece durante todo o processo de ensino e aprendizagem, sendo formativa quando, o professor ao avaliar, "observa as diferentes etapas de uma intervenção que deverá ser estratégica" possibilitando "uma compreensão e valoração sobre o processo seguido, que permita estabelecer novas propostas de intervenção" (Zabala, 1998, p. 201). Por fim, a avaliação é holística/globalizadora porque contempla "como finalidade fundamental do ensino a formação integral da pessoa" (Zabala, 1998, p. 201), pois considera o aluno "como ser que está aprendendo, por isso é globalizadora de toda sua personalidade, holística (abrange tudo)" (Gimeno-Sacristán, 1998, p. 342).

Ao entender todas as particularidades que o texto oral possui e considerando que o *corpus* a ser analisado refere-se ao espaço escolar onde as atividades foram desenvolvidas, utilizamos como registro da pesquisa-ação imagens (captura de telas), transcrição de falas e gravações de vídeos. Assim, “ensinar o oral implica desenvolver o hábito de registrar, para ter o traço das produções dos alunos. [...] O registro permite escutar-se, reescutar os outros, observar, analisar, criticar-se, fazer propostas para a melhora dos outros” (Dolz, Schneuwly; Di Pietro, 2004, p. 243).

Com base nesse pressuposto geral e considerando a diversidade de análise dos dados, optamos por focar no processo de desenvolvimento do aluno, ou seja, na construção individual e coletiva do estudante ao longo da pesquisa-ação. Para tanto, dois conjuntos de dados constituíram particularmente o foco de análise: os debates produzidos pelos alunos – preliminar (DP) e final (DF).

Dentre os aspectos analisados individual e coletivamente, em relação ao debate regrado, ressaltamos: a) argumentação consistente; b) operadores argumentativos; c) turnos de fala; d) entonação de voz e postura corporal e) aspectos linguísticos, cognitivos, sociais e individuais.

O primeiro debate, ponto de partida da SD, aconteceu de forma despretensiosa por parte dos estudantes e sucedeu de maneira descontraída, uma vez que foram desconsideradas regras, organização dos grupos e estudo prévio do tema. Dessa maneira, o debate preliminar foi mais uma discussão informal sobre o tema. De forma superficial, os estudantes argumentaram e apontaram seus pontos de vista sem muito embasamento teórico, ou seja, demonstraram pouco domínio acerca do assunto, no caso *bullying*.

Uma característica visível, nesse primeiro debate, foi o fato de a maioria dos alunos utilizar crenças e opiniões como argumentos consistentes e irrefutáveis em um debate, como mostra o excerto abaixo do estudante mencionado a seguir como A1 e assim sucessivamente ao transcrever a fala dos demais estudantes.

A1: Esse tal de bullying não existe, professora, isso é coisa que o povo inventou, é tudo mimimi de gente que não sabe brincar...pode colocar apelido em mim que eu **não** importo, levo na esportiva.

Outra característica marcante no debate preliminar foi a predominância da expressão “a gente” no lugar de “nós”, e o uso da linguagem informal nas falas, em que o emprego de gírias como “tipo assim”, “cara”, “véio” e etc, eram recorrentes, como exemplificado no excerto abaixo.

A2: Cara [...] tipo assim, tem gente que parece que não entende [...] tipo assim [...] que praticar bullying afeta o emocional da pessoa, por isso tanto suicídio hoje em dia, véio [...] gente sem noção.

Algumas vezes, durante o debate, os alunos deixavam de defender seus posicionamentos e passavam a relatar fatos pessoais, sendo necessário intervir para que as discussões fossem retomadas.

No debate preliminar as discussões acerca do tema foram breves, tendo em vista que os estudantes não apresentaram muitos argumentos, possivelmente porque a turma não se preparou para debater a temática.

Embora o debate preliminar não tenha se pautado em argumentos consistentes serviu como diagnóstico para traçar as próximas atividades de modo que o gênero fosse trabalhado a contento. A partir dessa premissa, "é então que se torna possível fazer acontecer um segundo projeto – desta vez, de aprendizagem, que, por meio das atividades propostas, permitirá aos alunos realizarem um debate mais substancial e, esperamos, de qualidade suficiente [...]" (Dolz, Schneuwly; Di Pietro, 2004, p. 229).

Ao final da SD, após estudo do gênero oral debate, ficou evidente a evolução dos alunos em relação ao conteúdo trabalhado quando analisamos o processo que se deu desde a produção inicial, com o debate preliminar, até a última produção que culminou no debate final.

A segunda versão do debate regrado encerrou as atividades da SD, e na ocasião ficou perceptível que ocorreram mudanças significativas na aprendizagem dos estudantes, pois eles passaram a utilizar a oralidade, especialmente durante o debate, de maneira consciente e, conseqüentemente, a discutir e argumentar suas alegações com mais propriedade e segurança.

Diferentemente do debate preliminar, os estudantes tiveram uma participação mais efetiva na atividade final. Como sabido, antes da realização do debate, os estudantes pesquisaram sobre o tema, fizeram registros escritos dos pontos considerados relevantes para a discussão, assim, o que se viu, foi a ocorrência de um debate regrado onde a fala era justificada com base em argumentos mais elaborados e mais bem fundamentados.

Dessa maneira, durante o debate foi possível perceber o quanto os estudantes se superaram. Embora tenham apresentado certa timidez no início, ficou evidente na fala dos debatedores a coerência nos argumentos, o posicionamento favorável e desfavorável em relação ao tema, as anotações de pontos importantes para retomada de discussão.

Para análise da atividade final, utilizamos dos mesmos aspectos considerados no primeiro debate, a saber: a) argumentação consistente; b) operadores argumentativos; c) turnos de fala; d) entonação de voz e postura corporal e e) aspectos linguísticos, cognitivos, sociais e individuais.

Lembrando que o tema abordado no debate regrado foi “Legalização das drogas para fins medicinais: esperança e cura ou porta de entrada para drogas mais pesadas?” Assim, os excertos a seguir surgem a partir dessa temática.

É possível notar, na transcrição abaixo que a debatedora, favorável à legalização da maconha para fins medicinais, utiliza-se de argumentos bastante consistentes quando traz dados que evidenciam seu posicionamento.

A3: Enquanto a gente reluta para legalizar o uso medicinal da maconha aqui no Brasil, ela já é legal em vários países como [...] (pausa para ler as anotações) [...] o Canadá, a República Checa e Israel. Desde a década de 90, os Estados Unidos aprovaram leis que libera a maconha para tratamento médico [...] já aqui, não decidem sobre o assunto enquanto muitas pessoas doentes esperam uma resposta para continuar o tratamento.

Do mesmo modo, é possível notar na transcrição abaixo que o aluno contrário à legalização da maconha no Brasil, utiliza argumento de autoridade para sustentar sua tese e dar credibilidade à sua alegação.

A4: De acordo com juízes e desembargadores do Fórum Nacional de Juízes Criminais, a segurança pública e o sistema de saúde aqui no Brasil não estão preparados para legalizar o uso da maconha. Sem controle e fiscalização pode aumentar a violência e o número de usuários aqui no Brasil.

Ficou notório que no segundo debate os estudantes foram mais criteriosos na fala, evitando alegações de cunho pessoal e termos depreciativos, bem como menor ocorrência no uso de gírias durante as falas.

Quanto aos operadores argumentativos, os estudantes demonstraram compreensão do conteúdo estudado, como, por exemplo, quando queriam demonstrar contraposição na fala do colega, sendo o “mas” utilizado diversas vezes para essa finalidade.

Quanto à postura corporal, o segundo debate evidenciou um comportamento mais contido entre os debatedores em relação ao primeiro; os estudantes fizeram gestos menos bruscos com as mãos e buscaram manter contato visual mais prolongado com os colegas, visto que demonstraram estar atentos à fala dos demais.

Os alunos tiveram a oportunidade de ter contato com gêneros que estavam *online* e apresentar sua opinião acerca do tema observado. O que concerne a tonalidade vocal durante o debate, os debatedores acentuavam fortemente as falas apresentadas, o tom mais forte, muitas vezes, indicava o desejo de debatedor convencer o outro de forma mais efetiva por acreditar que a entonação mais expressiva colabora para essa ação. Entretanto, cabe ressaltar que nesse segundo debate a entonação foi utilizada muito mais como ferramenta de convencimento do que para mostrar supremacia vocálica em relação à fala do outro.

Com referência aos turnos de fala, no debate final o tempo de exposição de cada debatedor foi respeitado, na maioria das vezes, raramente, no calor das alegações, um debatedor interrompia a fala do outro, sendo contido pelo moderador quando necessário. Assim, cada um teve a oportunidade de falar e também souberam ouvir.

Ao final do debate, ficou perceptível que a linguagem empregada pelos debatedores e pela plateia foi adequada para a situação, os estudantes não fugiram da temática proposta e, tanto o grupo favorável quanto o grupo contrário à legalização da droga no Brasil para fins medicinais, apresentaram argumentos bem fundamentados, principalmente nos momentos de réplica e tréplica.

Após análise dos dados é possível afirmar que houve aprendizado de comportamentos para a prática de debates entre o primeiro e o segundo debate. Dessa forma, compartilhando com Dolz e Schneuwly (2004, p. 213), o pressuposto de que “o oral se ensina”, defendendo que a oralidade, nesse caso formal, deve e pode ser ensinada tanto quanto a escrita.

## 6 Considerações finais

Durante as etapas da pesquisa, assumimos o desafio de analisar a contribuição dos debates viabilizados nas redes sociais como objeto de ensino para produção oral e escrita na sala de aula, visando destacar a importância do ensino do gênero debate como colaborador para a participação do aluno-sujeito na sociedade.

Nesse sentido, esta pesquisa-ação culminou na constatação de que trabalhar a oralidade em sala de aula, de maneira diversificada e efetiva, mostrou-se um método eficaz para o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes. Para tanto, os objetivos da escola ao trabalhar a oralidade devem ser bem delimitados, pois não se trata de ensinar o aluno a falar “bonito”, mas desenvolver nesse contexto uma habilidade comunicativa condizente para as mais diferentes situações em que ocorre a interação oral.

A negociação e a produção de sentidos nas práticas orais e escritas em ambiente convencional da sala de aula e no espaço digital *online* mostram que no universo virtual não há a interação presencial, sendo utilizado apenas a argumentação escrita. No ambiente convencional o aluno debate e pode mostrar sua colocação verbal e se expressar de maneira variada para defender suas alegações perante os colegas de classe. Nesse sentido, o aluno expande sua capacidade de escrita no espaço *online*, onde a argumentação é transmitida de forma assíncrona, que amplia e/ou facilita a interação entre os indivíduos, pois o ambiente virtual pode favorecer a desinibição e encorajamento do jovem que não mostra sua presença física e isso pode facilitar a expressão de suas ideias e opiniões sobre determinados assuntos tratados durante os debates.

Cabe salientar ainda que o professor tem o compromisso social de ensinar, facilitar, mostrar e identificar os sites e informações adequadas para seus alunos em cada ano escolar, de acordo com a faixa etária e a formação de cada indivíduo. Cabe ao professor, ainda, sabedoria para mediar o debate e proporcionar expansão de conhecimento ao seu aluno e não apenas deixar o tempo passar, sem argumentação adequada e proveitosa.

As ferramentas tecnológicas não podem ser usadas como único suporte de aprendizagem, sendo necessário que o aluno tenha uma base teórica consistente para compreender o assunto proposto durante a aula e, assim, expandi-lo através dos multimeios.

## Referências

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**: educação é a base. Brasília: CNE/CEB, 2018.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CAPECCHI, M. C. V. M.; CARVALHO, A. M. P. Interações discursivas na construção de explicações para fenômenos físicos em sala de aula. *In*: ENCONTRO DE PESQUISA EM ENSINO DE FÍSICA, 7., 2000, Florianópolis. **Atas** [...]. Florianópolis: EPEF, 2000. p. 54. Disponível em: [https://fep.if.usp.br/~profis/arquivo/encontros/epef/VII\\_EPEF.pdf](https://fep.if.usp.br/~profis/arquivo/encontros/epef/VII_EPEF.pdf). Acesso em: 02 fev. 2023.
- DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. (org.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. *In*: DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. (org.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 95-128.
- DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B.; DI PIETRO, J. F. Relato de uma sequência didática: o debate público. *In*: DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. (org.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2004. p. 247-278.

DOLZ; SCHNEUWLY; HALLER. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. *In*: DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. (org.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2004. p. 149-188.

GIMENO-SACRISTÁN, J. A avaliação no ensino. *In*: GIMENO-SACRISTÁN, J.; PÉREZ-GÓMEZ, A. I. (org.). **Compreender e transformar o ensino**. 4. ed. Porto Alegre: Atmed, 1998. p. 295-351.

GODOY, William. **O grande desafio**. Disponível em <https://filosofianaescola.com/lo-gica/filmes-sobre-argumentacao/> Acesso: fev. 2020.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. *In*: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (org.). **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

ROJO, R.; BARBOSA, J. P.; COLLINS, H. Letramento digital: um trabalho a partir dos gêneros do discurso. *In*: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (org.). **Gêneros textuais**: reflexões e ensino. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 107-130.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ZABALA, A. **A prática educativa**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

## Contribuição dos(as) autores(as)

Leandra Ines Seganfredo Santos – Análise dos dados, escrita e revisão final do texto.

Adalucy Martins Pinto – Coordenadora do projeto, coleta de dados, análise dos dados e escrita do texto.

**Revisão gramatical por:**

Albina Pereira de Pinho

E-mail: [albina@unemat.br](mailto:albina@unemat.br)